

DIPLOMA COM LOUVOR

Jean Marie Laskas

Conheci Eileen, a esposa de meu irmão John, quando eu tinha sete anos. Naquela época, ela ainda era solteira. Eileen era uma linda moça de 19 anos com exóticas mechas loiras nos cabelos que deixavam meus pais preocupados. Gostei dela desde a primeira vez que jantou em casa.

Isso foi nos tempos das refeições formais. Eileen derrubou duas ervilhas no colo, depois mais duas e mais uma. Ela pensou que ninguém tinha visto. Quando o jantar terminou, eu lhe disse:

– Eu vi que você derrubou as ervilhas, mas não vou contar para ninguém.

Depois de 31 anos, é a primeira vez que estou revelando esse fato.

Não há nenhum problema em contar, porque ela me autorizou durante uma conversa por telefone, quando estava perto de seu 500 aniversário. Eileen descreveu como se sentia ao completar 50 anos. Com a mente em ótimas condições, ela disse, apesar de sentir que minhas irmãs e eu a havíamos superado intelectualmente. Houve ocasiões em que ela se sentiu excluída.

Para minhas irmãs e para mim, a ordem natural das coisas era cursar o ginásio e depois a faculdade. Mas Eileen precisou trabalhar, enquanto John cursava medicina. Tempos depois, ela entrou na faculdade, mas desistiu no terceiro ano. Na época, ela já tinha filhos bebês e optou por ser mãe em período integral. Nunca se viu uma mãe tão feliz.

– E você nunca soube quanto eu sofri – ela disse.

Contou-me sobre o anel de formatura que ganhou antes de abandonar os estudos. Ela o usou durante anos mas, um dia, decidiu tirá-lo do dedo.

– Uma mulher reconheceu o anel e quis saber quando eu me formei – explicou Eileen. – Eu disse a ela que ainda não havia me formado. Aí, ela perguntou por que eu usava o anel. Ela está certa, eu pensei. Estou fingindo ser alguém que não sou.

Poucos anos atrás, Eileen começou a falar em voltar para a escola. Ela não fez muito alarde disso. Não dei muita importância ao fato.

Hoje eu entendo. A quebra de urna promessa feita a nós mesmos pode ser insignificante para as outras pessoas, até imperceptível. Mas ela é como um grão de areia em nossos olhos.

Assim, Eileen inscreveu-se para fazer dois cursos na faculdade que ela havia abandonado 18 anos antes. No primeiro dia de aula, voltou a usar o anel. Comprou livros, informou-se sobre as datas das provas e pensou: Não vou conseguir de jeito nenhum.

Ela tirou um A e um B.

No semestre seguinte, inscreveu-se para fazer cinco cursos e comprometeu-se a escrever uma tese sobre Charles Dickens. Foi bem em todos e formou-se na primavera passada. Ela disse que não se sentia tão feliz assim desde os 19 anos.

A felicidade, ela explicou, não foi apenas por causa da formatura na faculdade. Ela me contou que seus filhos Joe e John preparavam o jantar quando ela estava na faculdade. Alyson, a filha, limpava a casa para que a mãe pudesse estudar. E seu marido, John, ajudou-a nas aulas de química. E sabem quem revisou sua tese? O filho mais novo, Tom, que na época estava na oitava série.

Foi por causa de sua família, e não apesar dela, que Eileen venceu. E este círculo de trabalho voluntário fez com que seus 50 anos fossem a idade mais feliz de sua vida.

(Reproduzida com permissão da Reader's Digest, edição de abril de 1997.)